

Oposição ameaça "guerra". E Fernando Henrique afirma que o "bloco é antropofágico".

A tentativa de formalização do bloco governista foi criticada durante a sessão de ontem no Senado por parlamentares da oposição. "Estamos vendo o trabalho de cooptar o Senado para que sirva de anteparo às decisões da Câmara. O Senado não pode se colocar na posição de abafar os reclamos da sociedade", reagiu Juthahy Magalhães (PSDB-BA). "Não se pode fazer oposição para produzir a ingovernabilidade", rebateu o líder do governo, José Ignácio Ferreira (PDT-ES), enquanto ao lado Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP) exclamava, rindo: "Esse bloco é antropofágico".

O canibalismo, ou a prontidão para exigir benesses do Palácio do Planalto em troca de apoio, foi o adjetivo mais lançado contra o bloco. "O governo se prepare, porque esse bloco vai tentar esfaqueá-lo. Quero ver agora até onde o Collor vai resistir sem fazer concessões ao fisiologismo", comentou Juthahy Magalhães.

Em defesa da transparência desse apoio conjunto, que ele trabalhou ativamente para formar, o senador Marco Maciel (PFL-PE) disse que todos os integrantes do bloco acreditam no crescimento do País depois dos sacrifícios im-

postos pelo combate à inflação. Sempre provocando comentários irônicos entre os partidos de oposição, o novo bloco de apoio ao governo foi assim classificado, na Câmara, pelo deputado José Genoíno (PT-SP): "É o Centrão, novamente, mas desta vez colorido. O que essa gente vai exigir para apoiar o governo nem as paredes confessam".

Sem maioria

Ao se recusar a receber o documento contendo as assinaturas dos parlamentares que aderiram ao bloco governista, o presidente do Senado, Nelson Carneiro, alegou também que houve erro ao se indicar para líderes os atuais líderes do governo: "O regimento diz que a escolha se dará entre os líderes de partidos que apoiam o bloco".

As 33 assinaturas apresentadas não garantem ao governo maioria de votos no Senado — metade mais um dos 75 senadores da atual legislatura. E muito menos na próxima, quando o Senado terá 81 parlamentares. "Faltam sete para conseguirmos a maioria", disse o vice-líder Ney Maranhão, fazendo os cálculos em plenário.